

10008x.

papel IRE - de jornal
Cartolina C.A.

CFOLP/1032

lutar

PELO SOCIALISMO

Nº9 - 20 JUNHO 1974



ORGÃO DAS COMISSÕES DE BASE SOCIALISTA

<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=1335236>

CONTRA O NEOFASCISMO

Lutemos pela libertação de Saldanha Sanches

A prisão de José Luís Saldanha Sanches, militante revolucionário e director do jornal do MRPP, é um passo importante na contra-ofensiva das forças reaccionárias que desde há algumas semanas tem vindo a desenvolver-se com intensidade crescente. Iniciada com a libertação e ida para o Brasil de Tomás e Caetano, os tensivamente evidenciada pelo discurso fascista pronunciado na televisão pelo general Galvão de Melo, prosseguida no interior do governo com as exigências crescentes da direita quanto à política económica e às negociações com os movimentos de libertação, pontuada pela detenção do coronel Varela Gomes, marcada pela repressão violenta dos manifestantes que exigiam a libertação do capitão Peralta, acompanhada por restrições e intervenções repressivas cada vez mais frequentes no campo da liberdade de informação, assinalada pela nomeação de um Conselho de Estado em larga medida comprometido com o fascismo, esta contra-ofensiva reaccionária entra agora numa nova fase. Num curto espaço de tempo, o poder instituído oferece-nos, um após outro, uma série de factos de importancia desigual mas de sentido político único: visita oficial à ditadura terrorista brasileira de um membro da Junta de Salva-

(continua pág. 2)

A LUTA NA TIMEX

Como todos sabemos a Timex é uma firma internacional ligada ao fabrico de relógios. Esta empresa de capital americano escolheu Portugal para aqui construir a sua única fábrica na Europa, aproveitando o facto da mão-de-obra ser das mais baixas da Europa.

A fábrica da Timex encontra-se junto à Caparica e emprega mais de 2000 operários.

Falámos com um camarada da Timex, operário da secção de ferramentas - Tool Room, sobre a situação da Timex bem como sobre as perspectivas para o processo em curso.

A situação da Timex dentro do capitalismo

P - Gostava que falasses um pouco sobre a situação geral da Timex.

- Bom, a Timex é uma empresa com capital americano e tem ligações com muitos países que também na industria de relógios - é o caso do Japão, Alemanha, França, Escócia.

O processo como os relógios são feitos faz com que seja impossível a cada país produzir um relógio do princípio ao fim. É que existe um grande movimento de intercâmbio de peças assim, vêm peças de França para serem cromadas em Portugal e de cá, por seu lado, vão variadas peças para o estrangeiro além, é claro, dos re-

(continua pág. 4)



ABM

ARQUIVO REGIONAL E
PÚBLICO DA MADEIRA

(continuação da pág1)

ção Nacional, interrupção aberta, na televisão, de um espectáculo em que eram postoa a ridículo os dirigentes do regime fascista e, no prosseguimento de uma série de discursos reacionários ao mais alto nível, alguns mais recentes que são já de ataque aberto às forças democráticas; finalmente, e no mesmo dia em que o povo português toma conhecimento do fracasso absoluto - por intransigência do governo português nas suas posições neocolonialistas - das negociações com o PAIGC, (de resto na sequência já dos nenhuns resultados obtidos nas primeiras conversações com a Frelimo), o Conselho de Ministros delibera levar Saldanha Sanches a julgamento em tribunal militar (com a possibilidade de condenação em prisão até 3 anos).

Este acto de provocação reacionária não suscitou até agora senão vagos protestos da parte do Partido Socialista e do Movimento da Esquerda Socialista e absolutamente nenhuma reacção da parte do PCP nem do Movimento Democrático.

Se por um lado este facto revela bem como as forças reformistas estão dispostas a levar até ao fim a sua aliança com os reacionários para a eliminação dos revolucionários, por outro lado, ele não deve fazer esquecer o que isto significa como política de cedência e traição em relação aos próprios princípios reformistas que tais organizações defendem. Os reformistas, que se dispuseram à participação no Governo Provisório numa posição de inferioridade (deixando à burguesia o controle discriminatório de todo o aparelho económico), pensam que conseguirão fazer-se aceitar e que os deixarão crescer se se comportarem como lacaios bem educados e não causarem problemas às forças reacionárias que detêm o comando. Conscientista! vez da frase de Saint Just - "aqueles que fazem uma revolução por metade cavam as suas próprias sepulturas" - preparam-se para fazer a "revolução" só em 1/4 ou se for preciso só na décima parte: isto é, naquela parte que por absoluta necessidade é necessária para que os capitalistas possam continuar a enganar as massas exploradas.

É preciso que as massas populares tomem consciência do plano que os grandes capitalistas - a força que até ao fim suportou o regime fascista e que hoje mantém o controle da aparente "democracia" que vivemos - preparam já; trata-se de dar uma parcela do bolo governamental às forças reformistas que beneficiam do apoio das massas para que estas tenham confiança no poder; uma vez isto conseguido, procura-se forçar os reformistas a ceder em todos os pontos do seu programa; finalmente, quando eles estão já suficientemente enfraquecidos (e se têm então veleidades de fugir ao seu papel subalterno) dar-se-

- lhes-á o golpe final. Lembremo-nos do Chile: é um novo fascismo que por esta via se prepara.

Perante o avanço do novo fascismo, é preciso que as massas populares imponham na prática o combate pela Democracia. Os reformistas dizem que não estamos na etapa da conquista do socialismo, mas na da "consolidação das liberdades democráticas". É preciso que as massas populares ponham à prova a autenticidade de tais declarações.

Para nós, a luta pela libertação imediata de Saldanha Sanches impõe-se-nos, inseparavelmente, como tarefa imediata da luta pela consolidação das liberdades democráticas e da luta revolucionária pelo socialismo e o comunismo.

Tarefa da luta pela Democracia porque sabemos que esta não se obtém através de posições de cedência e servilismo perante as forças que nunca na Democracia estiveram interessadas, mas através do combate a essas forças.

Tarefa da luta pela Democracia porque através dela superamos posições sectárias para nos unirmos a todas as forças da esquerda revolucionária e a todas as forças democráticas num combate que objectivamente importa a todos os que não querem, nem o regresso do fascismo velho, nem a instauração de um fascismo renovado.

Tarefa da luta revolucionária comunista porque através dela afirmamos a solidariedade a um comunista que (sejam quais forem as nossas divergências - e muitas são), é um exemplo de firmeza e coerência revolucionárias.

Tarefa da luta revolucionária comunista porque através dela reforçamos a unidade da classe operária com todas as camadas exploradas, em torno de um objectivo que a elas em primeiro lugar interessa: as liberdades democráticas, cuja CONSOLIDAÇÃO autêntica só é possível no avanço da luta pelo socialismo.

C.B.S.

RUA DA ROSA - 188 - 1º Esq.

LISBOA

Aberto das 15 às 24 h.

1000 ex. papel ~~EA~~ *manus brancos* EA 6382 M 7



PAIGC - UM POVO EM LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

O PAIGC - Partido para a independência da Guiné e Cabo Verde - foi fundado em 1958 por Amílcar Cabral.

Em Janeiro de 1963 iniciou a luta armada contra o exército colonial português e em 1972 tinha libertado cerca de três quartos do território, tendo dois terços sob o seu controle.

Em 24 de Setembro de 1973, após a eleição da primeira Assembleia Nacional Popular, proclamou a independência da República da Guiné-Bissau.

A ONU reconheceu imediatamente o PAIGC como o único e autêntico representante das populações da Guiné e Cabo Verde e reafirmou o seu direito inalienável à independência.

Em 1974, o PAIGC goza do estatuto de observador na ONU, e é reconhecido por mais de oitenta países.

Um dos argumentos mais usados pelas potências colonialistas para "justificar" o domínio e a exploração dos povos colonizados era o de levar a "civilização" aos povos "atrasados".

No entanto, quando chegaram a África a cerca de 500 anos, os Portugueses encontraram civilizações evoluídas: com arte, ciência, arquitectura, cidades organizadas; divisão social do trabalho, com artesãos, agricultores e comerciantes. Um factor importante: havia Estados organizados, de acordo com o grau de evolução da sociedade em questão.

Os colonialistas portugueses na procura do ouro, marfim e pedras preciosas, destruíram sistematicamente as cidades, assassinavam as populações ou raptavam os elementos mais válidos para escravos, destruindo assim as famílias.

A consequência deste saque e destruição, durante quase 4 séculos foi a decadência da cultura e economia africanas. Durante este tempo a presença dos colonizadores na Guiné era muito pequena e somente fixada na costa.

Após a Conferência de Berlim em 1884, quando Portugal decidiu ocupar efectivamente a Guiné, para não perder o direito sobre as suas colónias, houve forte reacção das populações. Praticamente todas as populações resistiram à ocupação no decurso do que se chamou "Guerras de Pacificação" que na realidade duraram até 1936 segundo Teixeira da Mota, não se passou, por assim dizer, um só dia em que não houvesse um confronto entre os povos da Guiné e as forças portuguesas colonialistas.

A instauração do fascismo em Portugal coincidiu com a implantação da administração opressiva portuguesa da Guiné, o que agudizou as contradições entre os povos africanos e os colonialistas.

Em 1956 um grupo de nacionalistas africanos, entre os quais se encontravam Amílcar Cabral, Aristides Pereira e Luis Cabral, fundaram o PAIGC, que com sede em Bissau começou por desenvolver lutas urbanas, sob a forma de greves e propaganda política através de trabalho sindicalista.

Em Agosto de 1959 dá-se o massacre Pidguiti pelos colonialistas portugueses contra os estivadores de Bissau e trabalhadores dos barcos de transporte fluvial, que estavam em greve. Resultaram 50 mortos e mais de uma centena de feridos graves.

Este facto foi uma dolorosa lição para o povo guineense e mostrou ao partido que para lutar contra o colonialismo português não se podia escolher entre a luta armada e a luta pacífica; as forças colonialistas possuíam as armas e estavam decididas a liquidar os movimentos de libertação da Guiné.

Em Setembro do mesmo ano, o PAIGC analisa



o massacre de Pidguiti e considerando que 95% da população vivia no campo e que a repressão da Pide nas cidades era cada vez mais intensa, resolve mudar a forma de luta, e decidiu preparar-se para a luta armada no mato, que começou em 1963.

Foi então que se fundou a escola de quadros em Conakry sob a orientação do partido,

de modo a formar os homens que iriam trabalhar na mobilização dos camponeses.

Em Junho de 1962, mais de dois mil patriotas foram presos e várias aldeias queimadas e as populações massacradas.

Nesta altura o PAIGC dirigiu-se à ONU, acreditando numa intervenção adequada e eficaz da Organização das Nações Unidas a favor dos direitos do povo guineense, e que a ONU saberia levar o governo português a respeitar a moral e a legalidade internacional que lhe era exigida.

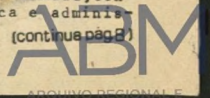
Apresentaram à ONU três possibilidades que se ofereciam à evolução e à solução do conflito entre o governo português e o povo africano:

- a) Mudança radical na posição do governo português;
- b) Uma acção concreta e imediata por parte da ONU;
- c) Lutar unicamente com os meios que possuíam.

Como as propostas não tiveram aceitação favorável nem da parte do governo português nem da parte da ONU, as forças patrióticas do país passaram a uma acção generalizada contra as forças colonialistas em Janeiro de 1963, para responder com a luta armada de libertação, à guerra colonial de genocídio desencadeada contra os povos da Guiné e de Cabo Verde.

Neste momento (1974), o PAIGC governa 2/3 do território libertado pela luta armada, tendo criado uma organização política e administrativa.

(continua página 2)



(Continuação da pág.1)

lógios feitos.

O problema está em que, tanto nas fábricas com que temos ligações no estrangeiro, como cá mesmo em Portugal, não pode ser montado um relógio do princípio ao fim. Há, portanto, um sistema que protege o capitalista.

P - Mas, por exemplo, se vocês cá tomassem conta da fábrica, acham que eram capazes de fazer relógios, mesmo sem as peças iniciais que vêm de França?

- Sim, éramos. Mas para isso, para fazermos peças que vêm de fora, precisávamos de ter o desenho dessas peças. Ora isso não "lhes" convém... Eles não querem, se se fizer a Revolução Socialista, que os trabalhadores fiquem com a possibilidade de fazer os relógios, ficando então a indústria facilmente dominada e orientada pelos trabalhadores.

Existem, em resumo, processos técnicos que desconhecemos e esta separação das várias fases em que é feito o produto joga, é claro, a favor dos capitalistas.

Condições de trabalho

P - E que tal são as condições de trabalho?

- Todo o trabalho está dominado por um ritmo muito intenso.

Por exemplo, cada operadora de corda de relógio faz 4700 peças por dia, trabalhando com uma máquina automática, o que faz com que a pessoa tenha que ter sempre o mesmo ritmo, já que não se pode fugir ao ritmo da máquina.

Na secção dos mostradores, a situação é parecida - 3 homens conseguem tirar 20 a 25000 peças num dia; por seu lado, a uma operadora

de cromagem passam 10000 peças, por dia, da mão para o quadro (o quadro é um painel com ganchos onde se põem as caixas, isto é, a parte cromada que envolve o mostrador).

Estás a ver o que é uma pessoa realizar 10000 vezes por dia o mesmo gesto? Eu isto sei concretamente que é assim, pois tenho uma pessoa de família que trabalha nesta secção.

P - Existem condições de segurança para a saúde?

- Aqui o grande problema é o dos olhos. Há muita gente que tem que trabalhar com o microscópio durante o dia inteiro, o que faz com que haja um tremendo cansaço na vista. De resto uma das nossas actuais reivindicações é uma consulta de 6 em 6 meses no médico dos olhos, no oftalmologista.

Repara que por exemplo para quem trabalha no turno da manhã (8 às 17,45) só existem 3 períodos de descanso: 15 minutos para o pequeno-almoço, 10 para o lanche (pausas com vencimento) e 45 minutos para o almoço (pausa sem vencimento).

P - Quantos relógios são feitos diariamente na Timeex?

- À volta dos 9 a 10000. Trata-se, sabes, duma indústria que exige uma temperatura fria no local de trabalho, de tal modo que não haja calor, pois se houvesse as peças estragavam-se. Portanto é verdade que temos ar condicionado; mas isso só acontece porque as peças doutro modo estragavam-se.

A greve de fevereiro

- Tudo começou num domingo de Fevereiro com a notícia num jornal, que tinha havido



um aumento enorme no custo de vida. Nós, de facto, tínhamos sido aumentados aí uns 10 a 15% em Janeiro, mas isso não era nada comparado com o aumento real nos últimos anos.

Na 2ª feira de manhã, logo houve um elemento da metalúrgica, que é das secções mais aguerridas, que disse que tínhamos que fazer qualquer coisa. Fomos então todos, éramos para cima de 100, ao gabinete do chefe da oficina. Este respondeu-nos que "isto" estava a dar o aspecto de paralização de trabalho, de revolta, e que não nos podíamos reunir mais de 4 sem autorização.

Claro que o que aconteceu foi que nos reunimos secretamente, durante os 10 minutos do lanche, no vestiário. Decidimos entrar em greve, se não houvesse o aumento de salário que acompanhasse na realidade o custo de vida.

Aparece então o Sousa, da parte do gerente do pessoal, a tentar meter medo, chamando individualmente ao gabinete os operários mais brigões e mais revolucionários.

O que aconteceu foi que entramos em greve no dia seguinte, às 14 horas. A greve foi inicialmente só na nossa secção - na Tool Room (sala de ferramentas). Se agora é fácil fazer uma greve de braços caídos, naquela altura não o era. Não havia ninguém que não sentisse o coração esmagado quando um silêncio total invadiu a nossa secção. As máquinas tinham parado. Todos estávamos de braços caídos, junto às máquinas. Elegemos, entretanto, uma comissão que teria mudança constante e sucessiva dos seus elementos, a fim de que eles não ficassem expostos à polícia. Não queríamos chefes, nem quem nos dirigisse.

Depois duma série de conversas, e depois das mulheres terem também entrado em greve, chegou o aumento. Nós tínhamos dito que só o queríamos se fosse único, isto é, igual para todos.

Soubemos depois que dos Estados Unidos tinham dito que podiam negociar até 1500\$00 de aumento para cada operário. Mas os gajos enrolaram-nos, e só tivemos 800\$00.

a fase actual da luta

Após uma reunião em que se elegeu uma Comissão de fábrica com 15 a 20 elementos, representando todos os sectores, organizou-se um alista com 6 elementos que deveriam ir para a rua.

A administração não queria, é claro, acei -

A GREVE DOS C.T.T.

A propósito da greve dos C.T.T. transcrevemos o seguinte da Comissão Pró-Sindicato dos trabalhadores dos C.T.T. :

" Os trabalhadores dos C.T.T. repudiam por completo as manobras tendenciosas e divisionistas, levadas a efeito por elementos da Inter-Sindical, que através do sul do país têm ido a certos locais de trabalho dos C.T.T. tentar coagir os trabalhadores a romperem a greve, e a estarem solidários com alguns técnicos de Telecomunicações que não aderiram à mesma.

Ora como "dividir para reinar" era comum no anterior regime, os elementos da Inter-Sindical mostram-se na sua verdadeira dimensão e utilizadores dos processos tão do agrado ao anterior regime deposto.

Alerta-se para isso todos os trabalhadores para que respondam da mesma maneira que os seus colegas de Setúbal, que pura e simplesmente expulsaram os ditos elementos reacionários da Inter - Sindical."

queria fazer um inquérito. Veio, entretanto, o delegado da J.S.N. e ficou em conferência com a administração até à noite.

Como nós entretanto tínhamos ficado em greve para que os tais 6 elementos fossem para a rua, aconteceu que nessa noite todos ficámos na fábrica para saber o resultado da conferência.

Posteriormente, após termos conseguido esta vitória, a Comissão elaborou um caderno de

(continua pag.6)



[continuação da pág.5]

reivindicações. Logo respondeu a administração que não queria quaisquer contactos antes do 14 de Junho - talvez para saber qual era o salário mínimo ou qualquer outra coisa que eles pensam que vai acontecer até 15.0 que é verdade é que os sindicatos dos metalúrgicos e dos ourives obrigaram a que a administração recebesse a Comissão de fábrica - o que aconteceu desde 6ª feira, dia 24, às 10 horas até sábado às 14.

Na semana seguinte entrámos, então, num trabalho enorme.

2ª feira, dia 27 : A fábrica não funcionou como fábrica de relógios, mas como fábrica de cartazes. A Comissão fez com que se comesçassem a fazer as 40 horas semanais; assim, em vez de sair aos 17,45, começámos a sair às 16,45.

Fizemos um desfile, uma manifestação de 10 km. desde a fábrica até Cacilhas, e só não fomos ao Ministério do Trabalho porque já tinha fechado. No entanto, apesar de 2000 operários em luta terem feito uma manifestação de 10 km não houve nenhum jornal que se lhe referisse. Porquê? É claro que não lhes convinha...

3ª feira até sábado ; Abandonámos a paralisação total, para entrarmos em greve de zelo. Em vez de 10000 relógios diários, são apenas feitos uns 50.

Por outro lado, desde 2ª feira que não sai um único relógio da fábrica. A administração tentou levá-los, mas não o conseguiu, pois há um piquete que dia e noite os guarda. Se vier a ser necessário fazemos como na Lip - vendêmo-los...

O piquete serve, portanto, para assegurar que a fábrica não seja encerrada e para guardar os relógios. Além disto com a greve de zelo fazemos com que os capitalistas continuem a ter a mesma despesa de energia eléctrica, pois as máquinas estão sempre a trabalhar, e eles são obrigados a pagar-nos. Nem sequer nos podem dizer que não trabalhamos.

P - Para terminar, queria-te perguntar que perspectivas vês para a vossa luta.

- Existem, na minha opinião, 3 pontos fundamentais do Caderno de Reivindicações para os quais temos que lutar; são:

- ordenado mínimo de 6000\$00
- 1 mês de férias
- 40 horas semanais

Embora este último ponto já tenha sido por nós imposto na prática, pois saímos sem licença uma hora antes do turno acabar, em relação aos outros pontos estamos dispostos a

fazer o que for necessário.

Não acabamos a luta enquanto não atingirmos estas reivindicações.

2ª feira, dia 3 de Junho, a Timex entrou em greve geral, com paralização total de trabalho.

Esta situação manteve-se já durante as duas primeiras semanas deste mês, estando a maioria dos trabalhadores animados para continuar a luta até alcançarem as suas reivindicações.

Neste momento são os próprios trabalhadores da Timex quem controla a entrada na fábrica de pessoas estranhas, continuando os relógios guardados por piquetes de trabalhadores.

No dia 22 de Junho os trabalhadores de Timex suspenderam a greve. Esta decisão foi tomada por votação secreta, embora apenas aprovada por 55% dos trabalhadores.

Mas a luta dos trabalhadores da Timex continua. Devem ser os próprios trabalhadores a decidir em cada momento as formas que as suas lutas devem assumir.

C.B.S.

RUA DA ROSA - 188 - 1º ESQ.

LISBOA

Aberto das 15 às 24 h.

**GREVES E LUTAS DE MASSA: NEM PROVOCAÇÃO
NEM CEDÊNCIA**

Que significa a palavra de ordem "não à greve"?

Significa que os reformistas não querem comprometer a aliança que fizeram com certos sectores da burguesia, com as pequenas empresas, com os pequenos patrões.

Significa que os reformistas não acompanham as aspirações das massas trabalhadoras, a justa insatisfação de milhares de operários, empregados e trabalhadores rurais explorados por um capitalismo dependente cada vez mais do imperialismo das multinacionais (grandes empresas com ramificações em muitos países) e ferido sem remédio por uma crise gravíssima.

Mas quer isto dizer que defendemos greve seja como for e por que for, a greve a todo o custo, as reivindicações desligadas do

(continua pág. 7)

(continuação da pág 6)

estado de forças em cada momento? Não.

Se pensamos que não é função dos militantes políticos obstruir e abafar as lutas que na base trabalhadora se desencadeiam; se pensamos que é aos trabalhadores explorados que compete em primeira mão definir os seus objectivos de luta - nem por isso deixamos de pretender uma coordenação e definição táctica de tais combates bem como a elaboração de uma perspectiva política para eles, o que cabe a uma vanguarda que, em constante diálogo com as massas e nunca se separando das suas lutas de classe, defina prioridades, objectivos políticos e alianças.

É urgente lutar contra o fascismo, pela consolidação e aprofundamento das liberdades, que não são em si mesmas "burguesas", mas que resultam de uma relação de forças entre as diferentes classes em luta. É melhor que ninguém sabe e sente a classe operária que assim é. Mas a luta pelo fascismo e pelas liberdades democráticas não se faz desarmando a classe operária, pondo-a sem defesa à mercê do capitalismo - faz-se na luta de classe e na força cada vez maior que resulta dessa luta. É a força da classe operária constrói-se neste momento não apenas nos sindicatos, como querem os reformistas, mas fundamentalmente (embora sem esquecer a importância da luta sindical) nas empresas, nos locais de trabalho, nas fábricas, nos bairros.

A greve é uma arma que a classe deve empunhar com firmeza e decisão sempre que necessário para a conquista das suas reivindicações. Nela se forja e cimanta a consciência de classe. Por isso devem os trabalhadores medir politicamente o alcance e a consequência da greve. Nem devem deixar-se levar pela provocação ou pelo extremismo sem perspectivas. Mas uma coisa devemos ter presente: não é a classe operária que cria o caos económico; o capitalismo, na sua racionalidade e injustiça que o provoca; não é a classe operária que ameaça a pequena empresa de falência e ruína; é o grande capital que, por força das leis económicas do capitalismo, da própria concorrência entre os capitalistas, acaba por destruir essas empresas.

Lutando contra o capitalismo, devemos estar presente a cada momento até onde podemos ir e quem são os nossos aliados. Mas não devemos abandonar as reivindicações que fazemos por um mínimo que garanta que a nossa vida seja mais do que sobrevivência contra a fome e a miséria. Se o capitalismo não nos pode dar esse mínimo, então devemos compreender que é o capitalismo que temos de destruir.

Não pensamos, porém, que a revolução socialista esteja ao virar da esquina, nem que basta chamar por ela para que ela se faça. Concretamente ao que alguns creem, malgrado a crise gravíssima que a burguesia atavessa, não estamos numa situação pré-revolucionária. Isto porque o proletariado não está ainda suficientemente consciente e organizado para tomar o poder.

Só a organização cada vez mais profunda e sólida dos trabalhadores, através da sua luta de classe (organizar lutando) pode criar condições para a revolução. Sabemos que para que esta organização prossiga sem treguas precisamos de consolidar e aprofundar as liberdades democráticas, que correspondem aos interesses e desejos das massas trabalhadoras. Mas no que intransigentemente discordamos dos reformistas é que para nós a consolidação das liberdades faz-se através da luta de massas, da luta na base. Só a força dos trabalhadores unidos na luta de classe pode esmagar o fascismo!

-LIBERDADES DA DEMOCRACIA BURGUESA- UM INSTRUMENTO DOS TRABALHADORES

Hoje, como ontem, são os mesmos patrões que estão nas fábricas, são os mesmos os donos do dinheiro.

Hoje, como ontem, são os mesmos operários que continuam a ser explorados e ser submetidos a ritmos de trabalho intensos, contribuindo para os lucros do patrão.

Hoje, como ontem, os camponeses continuam a trabalhar na terra do patrão.

Com o 25 de Abril, verificou-se uma mudança na direcção do aparelho de estado (governo, forças armadas, partidos políticos, organização sindical, etc.), que é hoje comandado por um pessoal político de interesses pequeno-burgueses. Um dos resultados desta nova situação política foi o aparecimento das liberdades que conhecemos: de imprensa, de reunião, de livre expressão do pensamento, etc..

Temos hoje, em Portugal o que se chama uma democracia burguesa.

É importante que os trabalhadores não se deixem iludir e tomem consciência que não existe "democracia pura", como o pretendem alguns, pois enquanto existirem classes, existe a democracia da classe que está no poder.

Só após a revolução socialista e quando o poder estiver na mão dos trabalhadores é que haverá a democracia dos trabalhadores, que servirá a grande maioria da população.

Põe-se então a pergunta, a quem servem as liberdades que agora existem?

As liberdades democráticas podem ser utilizadas tanto pela classe explorada como pela burguesia, mas elas servem principalmente a classe no poder, pois todo o estado, mesmo o que se diz mais democrático, tem uma constituição capaz de servir os interesses da burguesia por conseguinte controlar o uso das liberdades pelos trabalhadores.

Em relação à liberdade de informação não podemos esquecer que os grandes meios de informação (jornais, rádio, televisão) continuam a pertencer à burguesia e que esta não vai permitir que aí se levantem questões que ponham em perigo o seu poder.

Como então devem os trabalhadores utilizar as liberdades democráticas burguesas?

A existência da liberdade de reunião permite que os trabalhadores possam fazer assembleias nos locais de trabalho (fábricas, escolas, quartéis, bairros, etc.), de modo a elegerem os representantes, que têm de defender os seus interesses.

É necessário criar formas de organização nos locais de trabalho que sejam independentes dos sindicatos e portanto dirigidas directamente pelos trabalhadores, e assim possam controlar no dia a dia as decisões tomadas, como por exemplo horas de trabalho, ritmos de trabalho.

Um exemplo é o caso da Timex. (ver entre vista).

Também é preciso utilizar a liberdade de informação, fazendo jornais de fábrica, organizando piquetes de informação, e utilizando todos os outros meios de informação,

dos outros meios de modo a dar conhecimento dos problemas e das lutas feitas para os resolver.

As liberdades do actual momento, que não podem ser desperdiçadas, deverão pois ser consideradas como um instrumento que os trabalhadores utilizam no sentido de preparar o caminho para a conquista do poder.

trativa nessas regiões.

A base da organização é a aldeia - tabanca -, na qual a população elege um "comité de aldeia" composto por cinco membros, entre os quais obrigatoriamente duas mulheres, sob o controle do partido.

O presidente do comité tem o papel de co-missário político, o vice-presidente é o responsável pela milícia e os três outros membros estão encarregados dos assuntos civis e sociais e dos problemas de abastecimento e produção.

Sob o plano militar, as milícias das aldeias fazem parte das forças armadas locais, que lutam num determinado sector. As forças armadas revolucionárias constituem o FARP - Forças Armadas Revolucionárias do Povo - que é o exército de libertação do PAIGC.

Assim, o PAIGC pode provar a sua força pelos factos, fazendo participar os camponeses na organização social e económica; modificou as estruturas, melhorando as condições de vida.

As condições sanitárias melhoraram grandemente tendo sido construídos 120 postos sanitários, 4 hospitais e possuindo além disso 24 equipas móveis de assistência médica.

Conseguiram construir 156 escolas primárias e 5 escolas secundárias onde é ministrado o ensino a 15 000 jovens guineenses por 251 professores e professoras.

Hoje cerca de 600 alunos da Guiné-Bissau frequentam escolas superiores, médias e profissionais na Europa, preparando-se para serem os futuros quadros da actual República da Guiné-Bissau.

Paralelamente à acção desenvolvida no território, o PAIGC teve uma intensa actividade diplomática ao nível internacional.

Um dos resultados foi a ida de uma missão especial da ONU de 2 a 8 de Abril de 1972 às regiões libertadas da Guiné. Os resultados a-

presentados à Comissão de Descolonização da ONU levaram as Nações Unidas a reconhecer o PAIGC como o único e legítimo representante dos povos da Guiné e Cabo Verde. Esta acção diplomática levada a cabo pelo PAIGC com enorme sucesso, teve como resultado o reconhecimento pela Assembleia Geral das Nações Unidas de Portugal como potência colonial na situação de país agressor contra um estado soberano, situação esta comparável à de um Estado Independente ou de uma parte do território, principalmente os centros urbanos, está ocupada por forças militares estrangeiras.

A 21 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado em Conakry, mas tal facto não travou o desenvolvimento e o sucesso do PAIGC.

A Assembleia Nacional Popular, eleita em Novembro de 1972, pelo povo das regiões libertadas, proclamou em 24 de Setembro de 1973 a independência da República da Guiné-Bissau; ao mesmo tempo formou um governo e fez a primeira constituição.

A terminarmos damos a palavra a Amílcar Cabral: "Para o nosso povo e para o seu partido nacional, o êxito mais importante da nossa luta não reside no facto de, a despeito das condições particularmente difíceis afrontadas pelo nosso povo, termos sido capazes de nos batermos vitoriosamente contra as tropas coloniais portuguesas. O maior êxito do nosso combate é o facto de, ao mesmo tempo que nos batemos, termos sido capazes de começar a construir uma vida nova, política, administrativa, económica, social e cultural nas regiões liber-

tadas. É certo que é ainda uma vida dura, porque exige de nós muitos esforços e sacrifícios face a realidade de uma guerra colonial de genocídio. Mas uma vida cheia de beleza, porque é feita de trabalho produtivo eficaz, de liberdade, de democracia, da dignidade reconquistada do nosso povo."

QUE EM PRIMEIRO LUGAR ESTEJA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Seria absolutamente falso pensar que, para lutar directamente a favor da revolução socialista, poderíamos ou deveríamos abandonar a luta por reformas. Isto não está certo.

Não podemos saber em quanto tempo chegaremos ao sucesso, em que momento as condições objectivas permitirão o aparecimento dessa revolução.

Devemos apoiar todo o melhoramento real da situação económica e política das massas.

O que nos separa dos reformistas não é sermos contra, e eles a favor, em relação às reformas. Absolutamente nada. Eles contentam-se com reformas e vão-se corrompendo até não passarem de "guardas-doentes do capitalismo".

Nós dizemos aos operários: votem por eleições de representação proporcional, etc., mas não façam disso a principal actividade, coloquem em primeiro plano a propagação constante da ideia da revolução socialista imediata, preparai-vos para esta revolução.

As condições da democracia burguesa obrigam-nos muitas vezes a tomar esta ou aquela posição sobre uma multidão de pequenas e minúsculas reformas, mas é preciso estarmos aptos ou aprendermos a pronunciar-nos a favor das reformas de maneira que - empregando uma linguagem simplificada para ser mais clara - cada um dos nossos oradores, falando meia-hora consagre cinco minutos às reformas e vinte cinco à revolução socialista.

Lénine

o corte da televisão no dia 10 de junho e as contradições dos reformistas

Sem comentários transcrevemos a posição dos jornais "Notícias da Amadora" e "Avante" :
Jornal AVANTE nº6 de 20/6/74

Documento do C.C. do PCP - "No caminho da Democracia e da Paz"

Transcreve-se parte deste documento:

"É particularmente importante a participação dos católicos na vida política portuguesa. O C.C. desaprova a divulgação pelos meios de informação de massas (TV, rádio, etc.) de obras literárias e outras que firam as crenças e sentimentos religiosos. Fomentar conflitos em torno do problema da religião só pode conduzir a divisões e confrontos no movimento popular, num momento em que a unidade é mais necessária do que nunca!"

Notícias da Amadora nº666 de 15/6/74

Artigo na última página: "Entre nós" - "Em nome de quem"

Na parte final deste artigo diz-se sobre o corte da televisão da transmissão directa que estava a fazer do Mercado da Primavera.

"Em suma a questão é de classes. A continuarem os pruridos, os receios de ferir as susceptibilidades de uns tantos, qualquer dia dão-se ouvidos aos fascistas, a todos os reacionários. Em suma, volta-se com a história para trás. Quanto aos que acharam muito bem, se calhar já achavam muito bem a televisão antes de 25 de Abril!"

No mesmo jornal Notícias da Amadora:

Crítica de televisão feita por Correia da Fonseca. Sobre o tal corte da televisão, termina aquele senhor a sua crítica:

"Assim se protegem as raízes do fascismo, que anda por aí ansioso por reverdescer em novos cardos".